

SINAIS DOS TEMPOS

/ O PAPEL DAS RELIGIÕES

/ A TEORIA DA EVOLUÇÃO É CIENTÍFICA?

/ O PAPEL DE MARIA COMO MEDIADORA E REDENTORA



PUBLICADORA SERVIR
2º TRIMESTRE 2022
N. 161 / ANO 40 / €2,00



GUERRAS



PUBLICADORA SERVIR
2º TRIMESTRE 2022
N. 161 / ANO 40

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR Ezequiel Quintino

DIRETOR DE REDAÇÃO Lara Figueiredo

COORDENADOR EDITORIAL Paulo Lima

E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO Rita Mendes Sadio
DIAGRAMAÇÃO Marta Rodrigues Pereira
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © Adobe Stock

PROPRIETÁRIA E EDITORA
Publicadora SerVir, S. A.

DIRETOR Artur Guimarães

SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almargem do Bispo
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA
Editorial Safeliz

EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA
Éditions Vie et Santé

EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas

TIRAGEM 12 000 exemplares

DEPÓSITO LEGAL Nº 63193/93

PREÇO NÚMERO AVULSO 2,00€

ASSINATURA ANUAL 8,00€

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL

Guerras

TEOLOGIA

04



Deus nas religiões

*Todas as religiões são
verdadeiros caminhos
para Deus?*

CRENÇAS



O papel de Maria como
mediadora e redentora

*As evidências bíblicas do
dogma católico sobre a
mediação de Maria.*

CIÊNCIA



A Teoria da Evolução
é científica?

*Ser uma teoria científica
não é o mesmo que ser uma
teoria verdadeira.*

TRADIÇÕES



Páscoa judaica
e Páscoa cristã

*O significado teológico
da Páscoa.*

28

NOTÍCIA QUE
FAZ PENSAR

Faltam cem segundos
para a meia-noite

*Estamos à beira
do apocalipse!*

32



REFLEXÃO

Preparados para
continuar a lutar?

*De uma guerra
para outra.*

34

A BÍBLIA ENSINA

O Deus eterno

*Os atributos essenciais
de Deus.*

Guerras



Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

Não o desejávamos. Mas a situação internacional agravou-se consideravelmente quando a Rússia iniciou a invasão da Ucrânia a 24 de fevereiro. Desconhece-se ainda o desenvolvimento total do conflito bélico. Para já, as consequências são trágicas e devastadoras em perda de vidas humanas, de ambos os lados – dos atacantes e dos defensores. Estes estão envolvidos numa guerra total, que mobiliza todos os seus recursos materiais e humanos. Porém, já se começa a perceber o arrasador impacto nas estruturas familiares, sociais, culturais, políticas e económicas. Vão aumentando o sofrimento e os muitos milhões de deslocados e refugiados de guerra...

Quando se dá início a uma guerra com o alibi da busca de ser aceite e respeitado, o que é obtido é apenas medo e ódio. Em lugar de cooperação gera-se oposição, nunca reconhecimento. A “loucura” de alguns líderes humanos é a cópia e o reflexo do grande conflito cósmico iniciado antes do nascimento da nossa Terra. Lúcifer foi o primeiro a ambicionar ser honrado e respeitado. Para isso, promoveu a desinformação e a intoxicação da opinião pública angélica no Céu (Isaías 14:12-14; Ezequiel 28:13-19; Apocalipse 12:3 e 4, 7-9, 12). Enganou, obteve êxito parcial por algum tempo e deslocou o conflito para o nosso Planeta (Génesis 3). Agora, com os homens, mantém a mesma

estratégia de intoxicação, espalhando insinuações e mentiras sobre a personalidade de Deus, usando também aliados humanos.

Conscientes ou não, e mesmo que não o queiramos, todos estamos envolvidos neste conflito cósmico e terrestre. Para nossa salvaguarda, devemos escolher e verificar as fontes de informação, para não sermos enganados. Por isso, é urgente conhecermos o Manual de Sobrevivência – a Bíblia – neste Grande Conflito. Aprenderemos a identificar as evidências dos sinais dos tempos que indicam a proximidade do fim desta grande guerra na qual o inimigo nos envolveu.

Nesta *ST*, lerá mais artigos que o ajudarão a descobrir algumas peças do *puzzle* dos subtis embustes do inimigo, no âmbito da teologia, das crenças e da Ciência. E apesar das dificuldades, do sofrimento e da guerra que vamos suportando e travando, saibamos manter a esperança.

A vitória sobre o inimigo já foi obtida. Satanás é um inimigo vencido. E ele sabe isso. Mas, enquanto pode, prossegue a sua obra de contrafação destruidora. O nosso Salvador Jesus Cristo porá, em breve, fim a esta absurda injustiça. Afinal, a Palavra de Deus ensina que Ele é o Deus eterno e soberano. Deus é o nosso único Libertador!

Preparemo-nos, oremos, confiemos n'Ele e esperemos o futuro que Ele nos prometeu (Apocalipse 21:1-8)!

DEUS NAS RELIGIÕES

Vivemos numa época ímpar. O nosso mundo tornou-se numa aldeia global onde os meios de comunicação podem transmitir informação quase instantaneamente para todo o Globo. Assim, todas as ideias políticas e filosóficas, e todas as doutrinas éticas ou religiosas, podem flutuar e correr livremente de qualquer lugar para qualquer pessoa.

Existe hoje uma desconcertante variedade de mundivisões, religiões, crenças e estilos de vida. As fés históricas, tal como os recentes movimentos religiosos, buscam atenção num mundo multicultural. Na realidade, muitos deuses são hoje adorados por-

que o nosso mundo também é um mundo religiosamente pluralista.

Apesar da sua tradição cristã, o Ocidente tornou-se num importante mercado nesta aldeia global, onde novas ideias encontram rapidamente discípulos e comerciantes. Trabalhadores de outros continentes, atraídos pelas nações ricas para fazerem as tarefas mais difíceis, trouxeram a sua religião com eles. Mais recentemente, a migração de milhões de pessoas, que saem de países instáveis ou pobres em busca de liberdade e de uma vida melhor, também tem contribuído para a pluralidade de religiões e de crenças

religiosas no continente europeu. Por outro lado, a decrescente influência das crenças e dos valores cristãos na Europa Ocidental criou um vazio que tem sido parcialmente preenchido pelo afluxo e influxo das religiões orientais.

RELIGIÕES NÃO CRISTÃS AFETAM O MUNDO CRISTÃO

As religiões não cristãs afetam o chamado mundo cristão. Todavia, muitos no mundo cristão afirmam que essas fés não cristãs são caminhos viáveis para Deus, que existem muitos caminhos para a salvação e que o Cristianismo não é o único. O argumento é: tal como as nações conquistaram a sua independência dos reinos ou dos Estados coloniais, cada religião deve conquistar a sua independência de qualquer outra religião que se considere suprema. Assim, o relativismo da pós-modernidade influencia e tenta harmonizar a relatividade das religiões.

Alguns teólogos acreditam que a revelação universal de Deus é encontrada na religião em geral ou na história das religiões. No passado, acreditava-se que a revelação de Deus precedeu a religião cristã. Nos contextos da era moderna, porém, a relação inverteu-se. A religião precede a revelação, afirma-se hoje. O princípio bíblico e cristão da primazia das Escrituras, defendido pelo Protestantismo, foi substituído pelo primado da religião. Esta mudança foi um produto do Iluminismo do século XVIII. David Hume (1711-1776) equivocava-se ao afirmar: “É uma questão de facto incontestável que, cerca de 1700 anos atrás, toda a Humanidade era politeísta.”¹ Na opinião de Hume, o teísmo originou-se do politeísmo.

1 David Hume, *The Natural History of Religion* (New York: Macmillan, 1992), 4 – citado por Norman R. Gulley, *Systematic Theology – Prolegomena* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2003), vol. 1, p. 209. Acompanharemos agora o raciocínio de Gulley, *Idem*, pp. 208-211.

O grande problema com esta teoria – de que todas as religiões levam à verdade – é a polivalência confusa entre as diversas religiões.

Alguns eruditos afirmam que Deus opera através de todas as religiões. Os fatores socioculturais tornam necessário que Deus encontre pessoas diferentes de modos diferentes. A ideia atraente é que todas as religiões conduzem à verdade. Além do Cristianismo, existem várias religiões no mundo que têm as suas próprias Escrituras – Judaísmo, Islamismo, Confucionismo, Taoísmo, Budismo, Hinduísmo e Zoroastrismo. O grande problema com esta teoria – de que todas as religiões levam à verdade – é a polivalência confusa entre as diversas religiões. Estas evidenciam uma multiplicidade de “verdades” conflituantes (um sincretismo), em vez de buscarem numa única fonte – no Deus da Verdade.

O historiador britânico Arnold Toynbee (1889-1975) acreditava que o Budismo, o Hinduísmo, o Judaísmo, o Islamismo e o Cristianismo estão basicamente de acordo, e que a salvação é para todos. Contudo, esta posição ignora a diferença fundamental entre o Cristianismo e essas religiões não cristãs. **No Cristianismo bíblico, Deus procura os seres humanos;** nas outras religiões, ao contrário, são os seres humanos que buscam os deuses ou tentam tornar-se deuses. **No Cristianismo bíblico, a salvação é um dom, uma graça.** Em todas as outras religiões, a salvação ou a perfeição têm de ser conquistadas ou merecidas.

O VALOR DA RAZÃO

A razão, o discernimento e a inteligência são importantes no Cristianismo. Porém, não têm lugar no caminho para a iluminação nas religiões orientais (Animismo, Budismo, Hinduísmo), nem fazem sentido na teologia do “*encontro* divino-humano” como verdade, defendida por Emil Brunner (1889-1966). Nas religiões orientais enfrentamos um panenteísmo monista² e na teologia do *encontro* enfrentamos um dualismo natureza/grça. O terreno comum para estas duas concepções do mundo é a sua incapacidade de compreender o facto de que Deus dá aos seres humanos liberdade para raciocinar, escolher e tomar decisões. A função da revelação universal ou geral (através da Natureza, da História e da vida humana) é proporcionar a cada ser humano suficiente revelação de Deus para que ninguém tenha justificação ou desculpa para rejeitar Deus com base no lugar de nascimento, de residência ou na condição sociocultural.

Deus é a verdadeira luz que ilumina todas as pessoas que vêm ao mundo (João 1:9). Este é um texto muito abrangente. No original grego, na expressão “*a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina todo o mundo*”, o verbo traduzido como “*vinda*” (ao mundo) pode referir-se a Cristo que veio como a “*Luz do mundo*” (João 8:12) ou também pode ser uma referência ao “*Espírito de Cristo*” que ilumina todo o ser humano que vem ao mundo (João 14:26; 15:26; 16:7-14). Pode, deste modo, referir-se à encarnação ou à iluminação – Deus vindo como um ser humano ou a

A função da revelação universal ou geral (através da Natureza, da História e da vida humana) é proporcionar a cada ser humano suficiente revelação de Deus para que ninguém tenha justificação ou desculpa para rejeitar Deus com base no lugar de nascimento, de residência ou na condição sociocultural.

Sua vinda a todas as pessoas no mundo. Gramaticalmente, ambas as traduções são corretas. A ênfase em Cristo vindo ao mundo como a sua luz é a revelação particular ou especial. A ênfase no Espírito de Cristo iluminando todos os que vêm ao mundo é a revelação geral.

NATUREZA E HISTÓRIA

Os escritores bíblicos não fazem distinção entre a Natureza e a História. Ao contrário, desde o tempo de René Descartes (1596-1650), os pensadores ocidentais têm separado nitidamente a Natureza e a História. O facto de Deus operar tanto na Natureza como na História protege a teologia de cair no panteísmo ou no panenteísmo,

² Resumindo teorias e doutrinas atuais: *Panteísmo* (tudo é Deus), *Panenteísmo* (Deus está em tudo), *Monismo* (tudo é Um) e *Universalismo* (salvação universal para todos os seres humanos, independentemente da sua crença ou comportamento). Panenteísmo monístico é uma síntese entre teísmo e panteísmo.



mas também em processos de pensamento viciados, ineficazes e inúteis. Estes desvios da verdade apresentam um “deus” que está limitado à Natureza. No panteísmo, Deus está identificado com a Natureza; no panteísmo e no processo do encontro, Deus está dependente da Natureza.

Estes três modos de ver Deus falham em fazer justiça ao Deus bíblico como Criador, Provedor e Mantenedor da Sua Criação. Não comparam as próprias teorias acerca de “deus” e da Natureza com Deus e com a História. **O Deus da Bíblia é o Deus da História** (Daniel 2:28, 44; 6:25-27). Deus está *acima* da História e, como tal, opera na História (Isaías 33:22; 44:6 e 7, 24). Deus também opera na Natureza porque está *acima* da Natureza (Isaías 45:18). É para este Deus Criador, revelado na Bíblia, que a revelação universal aponta, e não para uma divindade imanente dentro dos limites da Natureza e da História.

Além do Cristianismo e do Judaísmo, nenhuma outra religião retrata um Deus

pessoal que é transcendente e acima da Natureza, no Seu papel como Criador, e que é transcendente e acima da História, no Seu trabalho providencial. O melhor que as crenças não cristãs podem sugerir é uma presença mística ou uma força que permeia toda a Natureza e, por consequência, a história humana. É uma força ou energia que pode ser controlada através de meditação e de cantilenas monótonas; um “deus” sob o controlo da manipulação humana através do misticismo; um “deus”, em última análise, não diferente de qualquer ser humano que se torna “iluminado”. Neste caso, “deus” é identificado com a Natureza, com a História e com a existência humana. A diferença radical entre o Deus revelado na Bíblia e o “deus” das outras religiões é que há uma diferenciação qualitativa muito distinta e nítida entre o Deus da Bíblia, por um lado, e a Natureza, a História e a existência humana, por outro. Deus relaciona-Se com estes três elementos apenas como um Criador. Se relaciona com a Sua Criação.



Aqueles que buscam revelação nos vários escritos sagrados de outras religiões acreditam que Deus tem o dever de Se comunicar com todos os seres humanos e o faz encontrando cada cultura ou religião por meio do seu líder escolhido ou do seu escrito sagrado. Isto significa que Deus está a trabalhar através de todos eles. Se assim fosse, enfrentaríamos alguns problemas lógicos. Vamos considerar o Hinduísmo, por exemplo. Na quarta secção da sua declaração de missão, os Hindus afirmam que o seu objetivo é converter o mundo. Isto é uma declaração de missão global. Então, pergunta-se: Como poderia Cristo estar a trabalhar por esse meio (Hinduísmo) quando Ele claramente enviou os Seus próprios discípulos (Cristãos) para evangelizar o mundo em Seu nome (Mateus 28:20)?

Além disto, todas as religiões não cristãs estão baseadas no pressuposto de que o devoto tem de ganhar o seu caminho para o Céu, para o nirvana, para a iluminação ou para se tornar num mestre iluminado. Em contraste direto, **somente o Cristianismo bíblico oferece a salvação como um dom, uma dádiva, através da aceitação, pela fé, da vida, da morte, da ressurreição e do ministério celestial de Jesus Cristo.**

Neste contexto, o filósofo e teólogo dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-1855) tinha razão ao afirmar que há uma diferença qualitativa infinita entre Deus e o homem. Essa diferença foi esquecida durante o século XIX, quando a cosmovisão evolucionista do mundo fez com que os homens se imaginassem superiores a si mesmos. Parecia não haver limite para o suposto progresso da Humanidade. Se os homens continuassem a evoluir para a perfeição, parecia-lhes (no século XIX) ser inevitável que os seres humanos se tornassem deuses. No fundo, isto não é diferente da crença, nas religiões orientais e no Movimento da Nova Era, de que os crentes podem alcançar

a divindade. Ambos, tanto os crentes que vêm do século XIX como os das religiões não cristãs, têm uma cosmovisão evolucionista do mundo que nega a regressão/queda (perda de perfeição) dos seres humanos no pecado e a sua necessidade de redenção e de salvação.

"VOCÊ É DEUS"

Como exemplo atual destas crenças e deste padrão de pensamento evolucionista, panteísta e panenteísta, cito o académico e escritor iraniano Reza Aslan.³ No seu livro de 334 páginas, *Deus – Uma Biografia*, Aslan aborda a relação do humano com o divino, tentando provar que foi a Humanidade que criou Deus à sua imagem e semelhança, não o contrário. Na conclusão, entre outros argumentos, ele escreve: “Seja como for, esta verdade fundamental mantém-se: Tudo é Um, Um é Tudo. Ao indivíduo basta decidir o que é esse ‘Um’: como é que deverá ser definido e como é que poderá ser experimentado. Para mim e para muitas pessoas, o ‘Um’ é aquilo a que chamo Deus. Mas o Deus em que acredito não é um Deus personalizado. É um Deus *desumanizado*: um Deus sem forma física, um Deus que é pura existência, que não tem nome, essência ou personalidade. [...] Passei a maior parte da minha vida espiritual a tentar cobrir o fosso que julgava existir entre mim e Deus, fosse através da fé, dos estudos ou da mistura entre os dois. Aquilo em que acredito agora é que não há qualquer fosso porque entre nós não há diferença. Na minha realidade essencial, eu sou a manifestação de Deus. Todos nós somos. Enquanto crente

³ Reza Aslan nasceu em 1972 numa família xiita em Teerão, onde viveu até aos 7 anos. Foi para os EUA, fixando-se na Califórnia. Converteu-se ao Protestantismo na adolescência, mas, poucos anos depois, regressou ao Islão. Estudou Religiões Comparadas numa universidade jesuita e Teologia em Harvard. Foi professor de Estudos Islâmicos e do Médio Oriente e tornou-se escritor.

Ambos, tanto os crentes que vêm do século XIX como os das religiões não cristãs, têm uma cosmovisão evolucionista do mundo que nega a regressão/queda (perda de perfeição) dos seres humanos no pecado e a sua necessidade de redenção e de salvação.

e panteísta, venero Deus não por temor e tremor, mas por espanto e maravilhamento perante o funcionamento do Universo, pois o Universo é Deus. Rezo a Deus não para lhe pedir coisas, mas para ser um com ele. [...] As minhas escolhas morais não assentam no medo de um castigo eterno nem na esperança de uma recompensa eterna. [...] Por isso, faça a sua escolha. Acredite em Deus ou não. Defina Deus como quiser. Seja como for, siga o exemplo dos nossos antepassados míticos Adão e Eva e coma do fruto proibido. Não tem de ter medo de Deus. Você é Deus.”⁴

CONCLUSÃO

Recordemos que todo o mal e todo o pecado se originaram com Lúcifer, quando se rebelou no Céu contra Deus, motivado pela sua orgulhosa ambição de ser “*semelhante ao Altíssimo*” (Isaías 14:14). O plano do inimigo tem sempre sido enganar as pessoas, fazendo-as crer que podem tornar-se deus.

⁴ Reza Aslan, *Deus – Uma Biografia*, Lisboa: Quetzal, 2018, pp. 289, 290 e 292.



Um dos objetivos do inimigo é desacreditar a revelação do plano de salvação que Deus oferece na Bíblia – a Carta de Deus à Humanidade.

No Éden, ele mentiu a Eva quando lhe disse que no dia em que os seres humanos comessem do fruto proibido “*se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal*” (Gênesis 3:5). Satanás foi bem-sucedido e tem hoje muitos milhões de seres humanos que o seguem nas suas “redes sociais”, que acreditam nas suas mentiras místicas e diabólicas, e que creem que eles também são deus.

Um dos objetivos do inimigo é desacreditar a revelação do plano de salvação que Deus oferece na Bíblia – a Carta de Deus

à Humanidade. Se o panteísmo, o panenteísmo e o monismo estivessem corretos, se fossemos deuses, então a salvação através de um Redentor tornar-se-ia desnecessária; a morte de Jesus na cruz também teria sido inútil e sem sentido.

A teologia bíblica deve ser totalmente independente de todas as filosofias, porque elas operam a partir de pressupostos opostos. A Natureza não é deus, nem o próprio Deus na Natureza. A Natureza é uma expressão do caráter divino. Através da Natureza, podemos compreender o amor de Deus, o Seu poder e a Sua glória. Mas nunca devemos confundir a Natureza com Deus, nem considerar a Natureza como sendo Deus.

O Deus que Se autorrevelou através da Bíblia é um Deus pessoal que comunica com as Suas criaturas. A Divindade é relacional. Não é um Deus atemporal, mas Aquele que entrou no tempo. Este Deus Criador também é o Deus da História. Participa e age na história humana, e entrou



nela através de Jesus Cristo: “Porque Deus amou o mundo, de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). A salvação que Deus oferece é um processo que visa transformar os seres humanos de modo a tornarem-se semelhantes a Deus, mas não para se tornarem Deus. E esta distinção deve ser preservada. Toda a evidência bíblica prova que Deus é, por definição, amor.

Por isso, como é reconfortante sabermos que podemos confiar no nosso Deus Criador, porque Ele está sempre atento às nossas necessidades e disponível para nos auxiliar. E também porque **Ele nos ensinou a chamar-Lhe Pai**, temos esta referência que nos transmite tranquilidade e segurança. Podemos viver na esperança de Deus concluir, num futuro breve, o Seu plano redentor do nosso planeta e podemos olhar com confiança para o Céu.

Graças a Deus que não nos consideramos uma partícula do Cosmos, auto-

A salvação que Deus oferece é um processo que visa transformar os seres humanos de modo a tornarem-se semelhantes a Deus, mas não para se tornarem Deus. E esta distinção deve ser preservada. Toda a evidência bíblica prova que Deus é, por definição, amor.

contemplando-nos, debruçados sobre nós próprios, imaginando-nos deuses..., mas sem qualquer centelha de esperança no futuro... No seu desejo cego de controlar tudo, até o Universo, os homens, reiteradamente, colocam-se no lugar de Deus.

Podemos viver na esperança da imortalidade sem sofrimento, injustiça ou morte, porque o Deus da Bíblia é o Deus da Esperança. Deus prometeu e é fiel: “*Com amor eterno eu te amei. Por isso, continuo a mostrar-te o meu amor*” (Jeremias 31:3, *BpT*). Ele é o Deus que procura o Homem para o salvar e o libertar da morte eterna, devolvendo-lhe o Paraíso perdido (Apocalipse 21:1-8). A fé cristã é a única que nos proporciona esta cosmovisão que se concretizará na recuperação da harmonia eterna pela vontade e pelo poder do nosso Deus Criador e Salvador.

A Bíblia é o livro da Esperança, porque o Deus da Bíblia é o Deus da Esperança! (Jeremias 14:8; Romanos 15:4.)

Samuele Bacchiocchi¹
Teólogo

O PAPEL DE MARIA COMO MEDIADORA E REDENTORA

Na sequência dos trimestres de publicação da *Sinais dos Tempos*, este é o quinto artigo sobre Mariologia.

Uma outra tentativa católica importante de exaltar Maria a uma posição semelhante à de Cristo pode ser detetada no empenho de se proclamar o dogma mariano relativo ao papel de Maria como mediadora e redentora. Até ao presente, a **Igreja Católica Romana definiu quatro grandes dogmas marianos** como verdades centrais: **Maria como mãe de Deus** (*theotokos*), dogma proclamado no Concílio de Éfeso em 431; **a perpétua virgindade de Maria**, dogma proclamado no Sínodo de Latrão em 649;

a imaculada concepção, dogma proclamado pelo Papa Pio IX em 8 de dezembro de 1854; e **a assunção corporal ao Céu**, dogma proclamado pelo Papa Pio XII em 1 de novembro de 1950.

Muitos Católicos acreditam que chegou o tempo de proclamar e definir o quinto e último dogma mariano – a mediação universal de Maria como corredentora, mediadora de todas as graças e advogada do povo de Deus. Um movimento leigo internacional, liderado pela *Vox Populi Mariae Mediatrici* (*A Voz do Povo a Favor de Maria Mediadora*), já recolheu mais de sete milhões de assinaturas em mais de 155



países. As petições são enviadas à Congregação para a Doutrina da Fé, com uma frequência de mais de 100 mil por mês. Estes Católicos que pedem ao Papa para promulgar este quinto dogma mariano não devem ser considerados lunáticos marginais, pois incluem 43 cardeais e mais de 550 bispos.

O movimento *Vox Populi* acredita que o dogma mariano sobre Maria como corredentora, mediadora e advogada vai responder às seguintes perguntas: O que Maria (corpo e alma) está a fazer no Céu? Se ela é a rainha do Céu, como rege os seus súbditos? Para dar resposta a estas questões, solicitam ao Papa que faça uma

declaração infalível de que “a Virgem Maria é corredentora com Jesus e coopera plenamente com o Filho na redenção da Humanidade”.¹ Se isto acontecer, Maria tornar-se-á uma figura ainda mais poderosa, algo perto de se tornar um quarto membro da “Santíssima Trindade”, assim como o principal rosto feminino por meio do qual os Cristãos vivenciam o divino.

MARIA COMO MEDIADORA DE TODAS AS GRAÇAS

De acordo com os ensinamentos católicos, “embora Cristo seja o único Mediador entre Deus e os homens (I Timóteo 2:5), visto que somente Ele, pela Sua morte na cruz, reconciliou plenamente a Humanidade com Deus, isso não exclui uma mediação secundária, subordinada a Cristo”.²

Maria foi chamada “mediadora”, em 1854, pelo papa Pio IX na bula *Ineffabilis*, o mesmo documento que proclamou a imaculada concepção de Maria. As autoridades católicas entendem que o termo significa duas coisas: “(1) Maria é mediadora de todas as graças pela sua cooperação na Encarnação. E (2) Maria é a mediadora de todas as graças pela sua intercessão no céu.”³

Na sua encíclica *Magnae Dei Matrix* (*Grande Mãe de Deus*), promulgada em 8 de setembro de 1892, o papa Leão XIII declarou: “Coisa alguma desse imenso tesouro de todas as graças que o Senhor nos concedeu [...] nos é dado obter sem a ajuda de Maria, pois, assim como ninguém pode ir ao Pai a não ser pelo Filho, assim, quase da mesma maneira, ninguém pode ir a Cristo a não ser por intermédio da Sua Mãe.”⁴

1 www.religioustolerance.org/mary_cor.htm

2 Ludwig Ott, *Fundamentals of the Catholic Dogmas* (1960), p. 211.

3 *Idem*, pp. 212 e 213.

4 Elliot Miller e Kenneth R. Sample, *The Catholic Encyclopedia* (1910), v. 7, p. 50.

A alegação de que ninguém pode ir a Cristo a não ser por Maria é claramente contraditada pelas palavras de Jesus “*Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem*” (João 10:9). “*Ninguém poderá vir a mim, se pelo Pai, não lhe for concedido*” (João 6:65). “*Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei*” (Mateus 11:28). Os convites de Cristo são sempre diretos e pessoais. Não admitem intermediários. Ele ensinou-nos a aproximarmos-nos de Deus diretamente, como o “*Pai nosso que estás nos céus*”, e não de alguém como a “rainha nossa que estás nos céus”. Interpor mediadores humanos entre Deus e o crente, ou entre Cristo e o crente, significa interpretar erradamente a natureza de Deus, fazendo d’Ele um Ser punitivo e inacessível que deve ser mais temido do que amado. E, finalmente, acaba-se por venerar os intercessores humanos em vez de se adorar o Deus Criador e Salvador.

Interpor mediadores humanos entre Deus e o crente, ou entre Cristo e o crente, significa interpretar erradamente a natureza de Deus, fazendo d’Ele um Ser punitivo e inacessível que deve ser mais temido do que amado.

MARIA COMO CORREDENTORA COM CRISTO

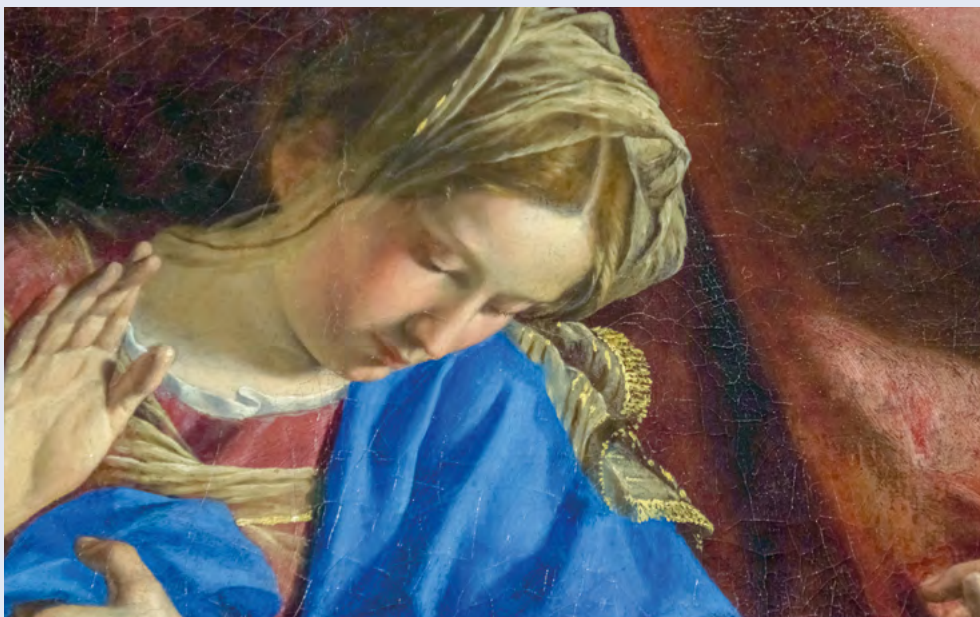
Com o passar dos anos, o termo “corredentora” passou a designar um papel mais ativo para Maria na redenção concebida por e através do seu Filho. No último capítulo da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, dedicada a Maria, o Concílio Vaticano II declara: “Padecendo com Ele quando agonizava na cruz, [Maria] cooperou de modo singular, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural.”⁵ E o texto do Concílio enfatiza com veemência o sofrimento de Maria ao pé da cruz junto com o Filho. Ela padeceu “acerbamente com o seu Filho único, associando-se com coração de mãe ao Seu sacrifício e consentindo com amor na imolação da vítima que nascera dela”.⁶

De acordo com o Concílio Vaticano II, o papel redentor de Maria iniciado na Terra prossegue no Céu: “Depois de elevada ao Céu, não abandonou essa missão salvadora, mas, com a sua multiforme intercessão, continua a obter para nós os dons da salvação eterna.” Por essa razão, “a Virgem é invocada na Igreja com os títulos de advogada, auxiliadora, socorro e mediadora”.⁷ Mas o título de corredentora não aparece nos textos do Concílio. A razão principal para se evitar essa terminologia foi, sem dúvida, a “sensibilidade ecuménica”. Todavia, o conceito é transmitido diversas vezes na *Lumen Gentium*, que fala de Maria “juntamente com Ele [Cristo], servindo pela graça de Deus onipotente, o mistério da redenção” e cooperando “livremente pela sua fé e obediência, na salvação dos homens”. Mais à frente, o documento

⁵ *Lumen Gentium*, §61 e 62.

⁶ *Catechism of the Catholic Church* (1994), p. 251, § 964. *Dogmas* (1960), p. 207.

⁷ *Idem*, p. 252, § 969.



fala da “associação da mãe com o Filho na obra da salvação”.⁸

O EMPREGO DO TERMO “CORREDENTORA” POR JOÃO PAULO II

A relutância do Concílio Vaticano II em descrever Maria como corredeutora foi superada pelo Papa João Paulo II (um devoto confesso de Maria), que empregava o termo com frequência, tanto nas suas declarações publicadas, como nos seus discursos. Ao saudar os doentes, depois da audiência geral de 8 de setembro de 1982, o Papa declarou: “Maria, embora concebida e nascida sem a mancha do pecado, participou de forma maravilhosa nos sofrimentos do seu divino Filho, a fim de ser corredeutora da Humanidade.”⁹

No discurso que proferiu no santuário mariano de Guayaquil, no Equador, João Paulo II afirmou: “Por aceitar e assistir ao sacrifício do seu Filho, Maria é a aurora da redenção [...] Crucificada espiritualmente com o Filho crucificado [...]

ela esteve de modo especial bem próximo da cruz do seu Filho, e também desfrutou a privilegiada experiência da ressurreição d’Ele. De facto, o papel de Maria como corredeutora não cessa com a glorificação do seu Filho.”¹⁰

Muitas outras declarações de João Paulo II expressando a mesma crença poderiam ser citadas. Não resta dúvida de que este Papa contribuiu muito para promover o papel redentor de Maria, pois acreditava profundamente que Maria tomou parte ativa na missão redentora do seu Filho. Na audiência geral de 22 de junho de 1994, João Paulo II disse: “Maria cooperou com Cristo na obra da redenção, não só preparando Jesus para a Sua missão, mas também se juntando ao Seu sacrifício pela salvação de todos.”¹¹

MARIA COOPERA NA REDENÇÃO DA HUMANIDADE

Estudiosos católicos desejam ardentemente ressaltar que o papel redentor de

⁸ *Lumen Gentium*, § 57.

⁹ *Insegnamenti di Giovanni Paolo II* (1982), v. 1, p. 404.

¹⁰ *Idem*, pp. 318 e 319.

¹¹ *L’Osservatore Romano*, edição semanal em inglês, 22 de junho de 1994, v. 1347, p. 11.

Biblicamente, a questão da mediação entre Deus e o crente é muito séria. Somente por meio do Deus-homem Jesus Cristo uma pessoa pode alcançar a salvação de Deus.

Maria “não deve ser concebido no sentido de equiparar a eficácia de Maria com a atividade redentora de Cristo, o único Redentor da Humanidade (I Timóteo 2:5)”, pois “ela mesma precisou de redenção e, de facto, foi redimida por Cristo”.¹² No entanto, esses mesmos estudiosos sustentam que Maria tomou parte na redenção efetuada por Cristo quando participou no Seu sofrimento. “No poder da graça da redenção alcançada pelos méritos de Cristo, Maria, pelo seu ingresso espiritual no sacrifício do seu divino Filho em benefício da Humanidade, fez expiação pelos pecados dos homens e tornou-se digna de fazer a aplicação da graça redentora de Cristo. É desta forma que ela coopera na redenção subjetiva da Humanidade.”¹³

ARGUMENTOS BÍBLICOS FAVORÁVEIS A MARIA COMO MEDIADORA E CORREDENTORA

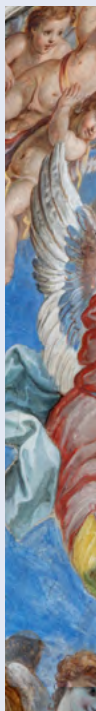
As Escrituras não apresentam indicações para que se considere Maria mediadora e corredentora. Apologistas católicos reconhecem o facto. Ludwig Ott admite que “faltam provas bíblicas expressas. [...] Teólogos procuram um fundamento bíblico para a interpretação mística de João

19:26”.¹⁴ O texto diz: “*Ora Jesus, vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse à sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho*” (ARC).

A interpretação mística do Catolicismo entende que “mulher” se refere a Maria como mãe da Humanidade. O *Catecismo da Igreja Católica* comenta o texto: “Jesus é o Filho único de Maria. Mas a maternidade espiritual de Maria estende-se a todos os homens que Ele veio salvar.”¹⁵ No Catecismo é subentendido que Jesus, ao chamar “mulher” a Maria, reconheceu-a como mediadora da Humanidade. Mas esta interpretação mística é tão fantástica que só enfraquece a causa da doutrina. Mostra apenas que os teólogos católicos buscam, em vão, apoio bíblico para uma doutrina oriunda exclusivamente de especulações subjetivas.

Biblicamente, a questão da mediação entre Deus e o crente é muito séria. Somente por meio do Deus-homem Jesus Cristo uma pessoa pode alcançar a salvação de Deus. **Jesus afirmou:** “*Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim*” (João 14:6, ARC). Em Jesus “*temos a redenção pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça*” (Efésios 1:7, ARA). O apóstolo Pedro, referindo-se a Jesus Cristo, afirmou no Sinédrio, perante os líderes da nação: “*E em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos*” (Atos 4:8-12, ARC). E o apóstolo Paulo enfatiza: “*Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem*” (I Timóteo 2:5, ARC).

O argumento católico de que “um” em grego (*monos*) não significa apenas “único”



¹² Ludwig Ott, *op. cit.* (1960), p. 212.

¹³ *Idem*, p. 213.

¹⁴ *Idem*, p. 214.

¹⁵ *Catechism of the Catholic Church* (1994), p. 127, § 50.



(eis), porque existem outros intercessores humanos na Terra (I Timóteo 2:1 e 2), ignora que o texto (v. 5) fala de um intercessor celestial a favor da nossa salvação e não de orações intercessórias humanas pelo bem-estar de reis e governantes (vv. 1 e 2). Além disso, o facto de existirem intercessores humanos na Terra não implica que haja intercessores no Céu, além de Cristo.

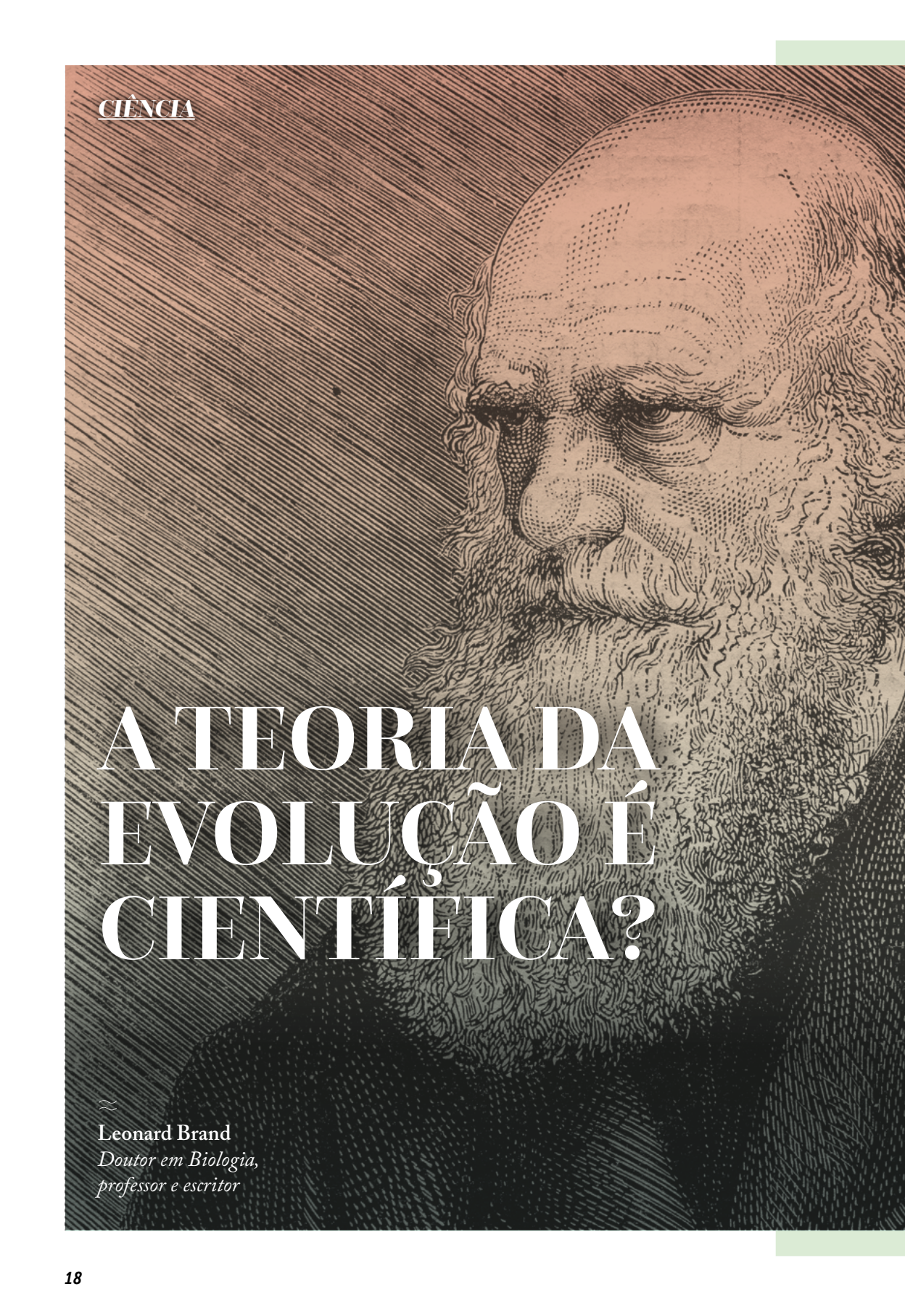
O ensino católico sobre o papel mediador de Maria apresenta um dilema óbvio. Por um lado, admite que Cristo oferece a todos os crentes a graça e a salvação necessárias. Por outro lado, muitos documentos católicos exaltam o papel de Maria como despenseira de todas as graças. Este é um exemplo clássico de ambivalência. Ou o papel de Maria é supérfluo ou a toda-suficiência da mediação de Cristo é insuficiente. Dificilmente se pode esperar que Católicos comuns, habituados a dirigir as suas rezas a Maria como sua mediadora maternal, depositem fé e confiança em Cristo como o seu único Redentor.

A única maneira de sair deste dilema é os Católicos reconhecerem a **verdade bíblica fundamental** de que **Jesus Cristo é o único Mediador no Céu**. “*Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa*” (Atos 16:31, *ARC*). Esta é uma sólida verdade bíblica que o Vaticano continua a negar, ao exaltar Maria como mediadora, corredentora, advogada e rainha do Céu.

Não há dúvida de que Maria, como mãe terrena de Jesus, foi uma mulher piedosa, usada por Deus como um canal para trazer o Redentor a este mundo. Mas exaltar Maria a uma posição celestial quase divina, como a rainha do Céu, que atua como corredentora e despenseira de graças, significa atribuir a Maria funções e prerrogativas que pertencem somente a Deus.

Artigo adaptado de Samuele Bacchiocchi, *Crenças Populares – O que as Pessoas Acreditam e o que a Bíblia Realmente Diz*, Tatuí, SP: CPB, 2012, pp. 275-281.

Versões da Bíblia:
ARA – Almeida Revista e Atualizada.
ARC – Almeida Revista e Corrigida.
BpT – Bíblia para Todos.



CIÊNCIA

A TEORIA DA EVOLUÇÃO É CIENTÍFICA?

≈

Leonard Brand
*Doutor em Biologia,
professor e escritor*



A Teoria da Evolução é científica? A resposta mais fácil é: “Sim, ela é científica.” Mas antes de compreendermos o que isso significa, precisamos de perguntar: O que faz qualquer teoria ser científica?

CIÊNCIA E RELIGIÃO

A Ciência é um processo de busca por respostas.¹ **Uma ideia pode ser rotulada como científica se puder ser estudada através do método científico.** Se temos uma ideia e queremos saber se ela é boa, várias abordagens podem ajudar-nos a decidir se aquela ideia está correta. Primeiro, podemos usar a nossa capacidade de raciocinar para decidir se acreditamos que a ideia é verdadeira. Podemos também pedir a Deus para nos dizer se ela é verdadeira. Esta abordagem – pedir a Deus ou procurar uma resposta na Bíblia – é uma abordagem religiosa. Por fim, podemos pensar em fazer observações ou experiências que possam determinar se a ideia é correta. Esta abordagem é científica. Comparemos agora as três abordagens

Como saber se a nossa conclusão está correta? Necessitamos de comparar os nossos pensamentos com algum tipo de padrão. Se não tivermos um padrão, o nosso pensamento será apenas uma opinião pessoal. Por exemplo, se quisermos saber quantos dentes tem um cavalo, será mais lógico ficar a imaginar quantos dentes deve ter um cavalo ou abrir a boca de um cavalo e contar-lhe os dentes? Também podemos perguntar a Deus ou investigar na Bíblia para obtermos uma resposta sobre o número de dentes de um cavalo. O problema é que a Bíblia não nos foi dada para responder a esse tipo de questões. Facilmente podemos encontrar essas respostas por nós mesmos. Além disso, este tipo de informação não

¹ “L. Brand, *Faith, Reason and Earth History: A Paradigm of Earth and Biological Origins by Intelligent Design*, 2ª ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2009).

tem nenhum significado espiritual. A Bíblia foi-nos concedida para responder a outros tipos de perguntas. Se abrímos a boca de um cavalo e lhe contarmos os dentes estaremos a usar a abordagem científica.

O método científico pode ser descrito através da seguinte sequência de eventos: Um cientista tem uma ideia, chamada “hipótese”, e começa a pensar em observações e experiências que testem a hipótese. As observações são feitas; as experiências realizadas; e os resultados podem indicar que a hipótese é falsa ou podem apoiá-la. Outro resultado possível é que a resposta não seja clara. Neste caso, mais e diferentes observações devem ser elaboradas para testar melhor a hipótese. De uma coisa devemos ter a certeza: a Ciência não vai fornecer-nos aprovação ou desaprovação absoluta. Somente na publicidade da televisão é que a Ciência fornece “provas incontestáveis”.

Às vezes digo aos meus alunos que metade do que estou a ensinar é falso. No entanto, temos de esperar por novas descobertas científicas que nos mostrarão qual é a metade errada. Por exemplo, na genética molecular, um conceito que foi considerado como *dogma central* daquela disciplina era que cada gene dos nossos cromossomas orientava a produção de uma única proteína. Entretanto, novas descobertas têm demonstrado que o processo é bem mais complexo. A lista de mudanças como esta na compreensão científica é interminável. A Ciência faz muitas descobertas significativas, mas, no seu contínuo progresso, ela continua a mostrar-nos que certas coisas sobre as quais tínhamos a certeza estão, na realidade, incorretas. Apenas não tínhamos evidências suficientes para percebermos que a nossa interpretação não estava correta.

Há algumas ideias para as quais os estudos científicos não podem oferecer uma resposta, pela razão da própria natureza dessas questões. Elas simplesmente não

A Ciência faz muitas descobertas significativas, mas, no seu contínuo progresso, ela continua a mostrar-nos que certas coisas sobre as quais tínhamos a certeza estão, na realidade, incorretas. Apenas não tínhamos evidências suficientes para percebermos que a nossa interpretação não estava correta.

podem ser testadas. Por exemplo, quando Jesus viveu na Terra, Ele, de facto, realizou milagres? É totalmente impossível testar esta problemática. Jesus esteve aqui há dois mil anos e nós não estávamos lá. Milhões de Cristãos estão absolutamente convencidos de que Jesus, de facto, realizou milagres, mas esta crença não pode ser provada pela Ciência. Existe mais acerca da vida e do conhecimento do que apenas aquilo que a Ciência pode revelar. A Ciência é uma maneira excelente de descobrir muitas coisas, mas é importante reconhecer os limites daquilo para o qual a Ciência pode fornecer resposta.

A EVOLUÇÃO

Vamos voltar à nossa pergunta sobre a Teoria da Evolução. Precisamos de considerar o significado da palavra “evolução”. Uma



definição básica de evolução biológica é “mudança através do tempo”. Os animais e as plantas mudam à medida que os seus sistemas genéticos permitem que eles se adaptem a diferentes condições de ambiente. Existem complexidades no processo que não podemos abordar aqui,² mas a parte essencial da definição é a mudança que ocorre nas populações de organismos com o passar do tempo.

Um exemplo simples são os bicos dos tentilhões das Ilhas Galápagos. O clima mudou ao longo de vários anos, resultando em mudanças no suprimento do alimento dos tentilhões. Os tentilhões com o tamanho de bico que não permitia que a comida se encaixasse corretamente tinham menor possibilidade de sobrevivência. Como resultado da seleção natural, o tamanho

médio dos bicos dos tentilhões alterou-se. Então, quando o clima voltou para a sua condição anterior, o alimento disponível também mudou, e o tamanho médio do bico dos tentilhões voltou ao que era antes das mudanças climáticas.³ Este é um exemplo de microevolução, isto é, uma mudança ocorrida dentro de uma espécie, o que geralmente acontece por meio de mutações e da seleção natural.

Outro exemplo acontece com muita frequência nos hospitais. Há décadas que usamos antibióticos para matar bactérias, mas algumas poucas bactérias resistem e permanecem vivas. O resultado é um grupo de bactérias imune aos nossos tratamentos. Isto também é microevolução. A microevolução realmente não produz nenhum tipo novo de animal. Ela apenas permite que

2 Brand (2009); L. Brand, *Beginnings: Are Science and Scripture Partners in the Search for Origins?* (Nampa, ID: Pacific Press, 2006).

3 P. A. Grant, *Ecology and Evolution of Darwin's Finches* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1999).

espécies de animais ou de plantas se adaptem às condições mutantes do ambiente.

A Teoria da Evolução também inclui outro conceito: “A evolução de todas as formas de vida, através de longas eras, a partir de um ancestral comum.” Este aspecto da evolução assinala que sapos, pardais, minhocas, couves, palmeiras, lagostas e até os seres humanos, incluindo os cientistas, são todos resultantes da evolução. Eles evoluíram através do tempo, a partir de um ancestral comum, unicelular.

Estes dois conceitos sobre a evolução podem ser estudados pelos métodos da Ciência?⁴ Sem dúvida que sim. Muitos cientistas fazem pesquisas sobre a microevolução, observando como as criaturas mudam à medida que se altera o ambiente. Eles usam observações e experiências para testar hipóteses sobre essas mudanças. Estudam processos que podem ser observados e documentados. E as mudanças através do tempo, nos descendentes de um ancestral comum, será que podem ser estudadas com os métodos da Ciência? Sim, os cientistas usam muitos tipos de evidência para desenvolver e testar hipóteses sobre a evolução a partir de ancestrais comuns.

Ambos os conceitos de “evolução” são científicos, no sentido de que podem ser estudados com os métodos da Ciência. Todavia, existe uma diferença entre eles. Pelo menos alguns aspectos do processo da microevolução podem ser observados, mas a descendência de tipos diferentes de animais provenientes de ancestrais comuns no passado distante não pode ser observada. As pesquisas sobre ancestrais comuns fazem uso de evidências científicas, mas



dependem muito mais de *suposições* para interpretar essas evidências. A **suposição mais importante**, e geralmente aceita pelos cientistas, alega que nunca houve milagres nem atos sobrenaturais em toda a História. Por outras palavras, tudo na Natureza pode ser explicado pelas leis da Natureza já descobertas. Esta é a pressuposição do Naturalismo, a cosmovisão que não aceita a possibilidade da Criação e do Projeto Inteligente. Sempre que é feita uma suposição, os cientistas vão interpretar invariavelmente a evidência de acordo com o pensamento naturalista. As evidências podem ser interpretadas de variadas maneiras, mas,

⁴ Brand (2006, 2009); D. Ratzsch, *Science and Its Limits: The Natural Sciences in Christian Perspective* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2000); J. P. Moreland, *Christianity and the Nature of Science* (Grand Rapids, MI: Baker, 1989).



na cosmovisão naturalista, as únicas interpretações aceites são aquelas baseadas na descendência de todos os organismos a partir de um ancestral comum através da evolução.

Muitos de nós querem saber não apenas se a Teoria da Evolução pode ser estudada cientificamente, mas se ela é verdadeira ou não. Às vezes, o termo “científico” é usado de um modo que implica que, se algo não é científico, então não é verdadeiro. Sendo que os milagres de Jesus não podem ser testados pela Ciência, então eles não são verdadeiros? Esta não é uma conclusão razoável. A Ciência não pode mostrar que os milagres de Jesus aconteceram. Mas também não pode demonstrar que eles não aconteceram. Simplesmente, a Ciência não tem nada a dizer sobre isso.

O que nos diz isto sobre a evolução? **Pode o pressuposto do Naturalismo ser testado pelos métodos da Ciência? Se puder, deixará de ser uma hipótese.** O pressuposto de que não houve atos sobrenaturais envolvidos na origem de formas de vida (isto é, que não houve criação) é uma crença sobre coisas passadas, e não pode ser testada por observações ou experiências. Por essa razão, **o pressuposto é uma escolha filosófica arbitrária. Não é apoiado pelo método científico.** Existem consideráveis evidências que *alegam* apoiar uma evolução ocorrida ao longo de milhões de anos, mas diferentes cosmovisões podem levar a *diferentes interpretações* das evidências. A diferença está nas interpretações e nos pressupostos dos quais dependem essas interpretações. A Ciência pode fornecer evidências que nos fazem pensar, mas não pode mostrar-nos *como entender* essas evidências.

Enfrentamos realmente algumas dificuldades para explicar certas evidências na área da biologia e da geologia a partir da visão bíblica da criação. Todavia, também existem muitos tipos de evidência difíceis de

Às vezes, o termo “científico” é usado de um modo que implica que, se algo não é científico, então não é verdadeiro. Sendo que os milagres de Jesus não podem ser testados pela Ciência, então eles não são verdadeiros? Esta não é uma conclusão razoável.

conciliar com a teoria dos milhões de anos de evolução. Como não estávamos lá, nem temos todas as evidências, a Ciência não tem respostas definitivas sobre as origens. Perante este facto, é sábio buscar as respostas de Deus para essas perguntas.⁵

Para ilustrar as diferenças de cosmovisões e as interpretações delas resultantes, considere-se este exemplo: as minhocas e os cientistas têm os mesmos processos bioquímicos a ocorrer nas células dos seus corpos. Ora, os cientistas naturalistas acham que isso é uma indicação de que eles evoluíram a partir do mesmo ancestral comum. Mas isso também pode significar que o mesmo Criador projetou ambos, usando o mesmo mecanismo bioquímico para manter a vida nas suas células. A diferença entre estas duas interpretações

⁵ Brand (2006, 2009); S. C. Meyer, *Signature in the Cell: DNA and the Evidence for Intelligent Design* (Nova Iorque: HarperCollins, 2009); A. A. Roth, *Origens: Relacionando a Ciência com a Bíblia* (Tatuí, SP: CPB, 2001); A. A. Snelling, *Earth's Catastrophic Past: Geology, Creation & the Flood*, v. 1 e 2 (Dallas, TX: Institute for Creation Research, 2009).



(evolução ou criação) não pode ser testada pelos métodos da Ciência, porque elas são baseadas em pressuposições sobre o que aconteceu no passado.

No estudo da microevolução, podemos com frequência “abrir a boca do cavalo e contar os dentes”. Mas, quando perguntamos se evoluímos de bactérias e de minhocas, estamos a investigar sobre uma história antiga, quando não havia nenhum cientista para “abrir a boca do cavalo”. Podemos fazer essa pergunta a Deus. Neste caso, trata-se de uma pergunta espiritualmente significativa, abordada pela Bíblia. A única outra opção para responder à questão é de natureza filosófica: Podemos pensar sobre as limitadas evidências que temos e decidir, por nós mesmos, que o pressuposto defendido pelo Naturalismo é correto. Pergunta-se:

será esta uma abordagem satisfatória? Deus aceita este pressuposto ou fica surpreendido com a nossa ingenuidade?

CONCLUSÃO

A Teoria da Evolução é científica? Sim, é científica no sentido de que ela pode ser estudada através dos métodos da Ciência. Significa isso que ela é verdadeira? O seu estatuto de teoria científica torna-a um facto consumado? Muitos livros escritos por cientistas são veementes ao declarar que a evolução é um facto assim como o é a gravidade. No entanto, essas alegações não são realistas, se há uma compreensão apropriada do método científico. Aspectos da evolução, especialmente a microevolução, estão bem documentados e parecem ser verdadeiros na sua essência, embora ainda



Sugiro que o nível de confiança que qualquer pessoa tem na verdade da história evolucionista (isto é, na ancestralidade comum de todos os organismos) é um reflexo direto do nível de confiança que ela tem no pressuposto do Naturalismo. A nossa confiança de que Deus nos fala através da Bíblia, a Sua Palavra, e de que nos deu uma verdadeira história da vida na Terra é a base da nossa cosmovisão cristã.

possa haver muito para aprender antes que compreendamos corretamente essas questões. Esta incerteza não se limita apenas ao estudo da evolução. Em todas as ciências, o desenvolvimento de novos fenômenos contribui para o aperfeiçoamento e a correção das ideias científicas.

Outros aspetos da evolução, tais como as afirmações sobre a história antiga e a origem das formas de vida, estão numa categoria diferente. A Ciência pode estudar tais afirmações e desenvolver hipóteses, mas

essas hipóteses nunca poderão ser rigorosamente testadas pela Ciência. Nós não estávamos lá, e as nossas interpretações de um passado antigo são tão confiáveis como os nossos pressupostos. **As alegações não são científicas se, por “científicas”, queremos dizer que elas demonstram ser verdadeiras.** Todavia, não é isso o que o termo “científico” realmente quer dizer.

Sugiro que o nível de confiança que qualquer pessoa tem na verdade da história evolucionista (isto é, na ancestralidade comum de todos os organismos) é um reflexo direto do nível de confiança que ela tem no pressuposto do Naturalismo. A nossa confiança de que Deus nos fala através da Bíblia, a Sua Palavra, e de que nos deu uma verdadeira história da vida na Terra é a base da nossa cosmovisão cristã. Assim, para muitos de nós, a Palavra de Deus é o guia mais confiável para que possamos compreender a história antiga. Deus estava lá quando a vida foi criada e nós não estávamos. No caso das origens, Ele “contou os dentes do cavalo” e disse-nos a resposta. A Bíblia aborda, de facto, o tema das origens porque é importante saber de onde viemos, porque estamos aqui e para onde vamos.

A pergunta “Conheço Jesus?” pode não ser muito científica. Para alguns pode até ser irrelevante para tomar uma decisão sobre a evolução. Mesmo assim, sugiro que esta seja a pergunta mais importante de todas. Estaremos a dar mais crédito às interpretações científicas contemporâneas do que à Palavra de Deus ou conhecemos Jesus o suficiente para confiar na Sua comunicação connosco através da Sua Palavra, a Bíblia?

Condensado e adaptado do livro: James Gibson e Humberto Rasi (org.), *Mistérios da Criação*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013, pp. 153-160.

PÁSCOA JUDAICA E PÁSCOA CRISTÃ

≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

A designação “Páscoa” deriva de uma palavra de origem hebraica, *Pessach*, que, em português, significa “Passagem”. A Páscoa judaica tem um significado diferente da Páscoa dos Cristãos. Instituída na época de Moisés, comemora a libertação do povo de Israel escravizado pelos Egípcios. Para os Cristãos, a Páscoa relembra o dia da ressurreição de Cristo e o Seu sacrifício na cruz para salvar a Humanidade. Num certo sentido, **tanto a Páscoa judaica como a cristã celebram “passagens”, respetivamente, do cativo à liberdade e da morte à vida. Ambas são sinónimas de libertação.**

A ressurreição de Cristo seria também identificada com o renascimento de uma nova natureza – a passagem de uma natureza carnal para uma natureza espiritual. Com efeito, a vida de Jesus, a Sua morte e a Sua ressurreição foram tão magníficas que Ele dividiu a História. O mun-

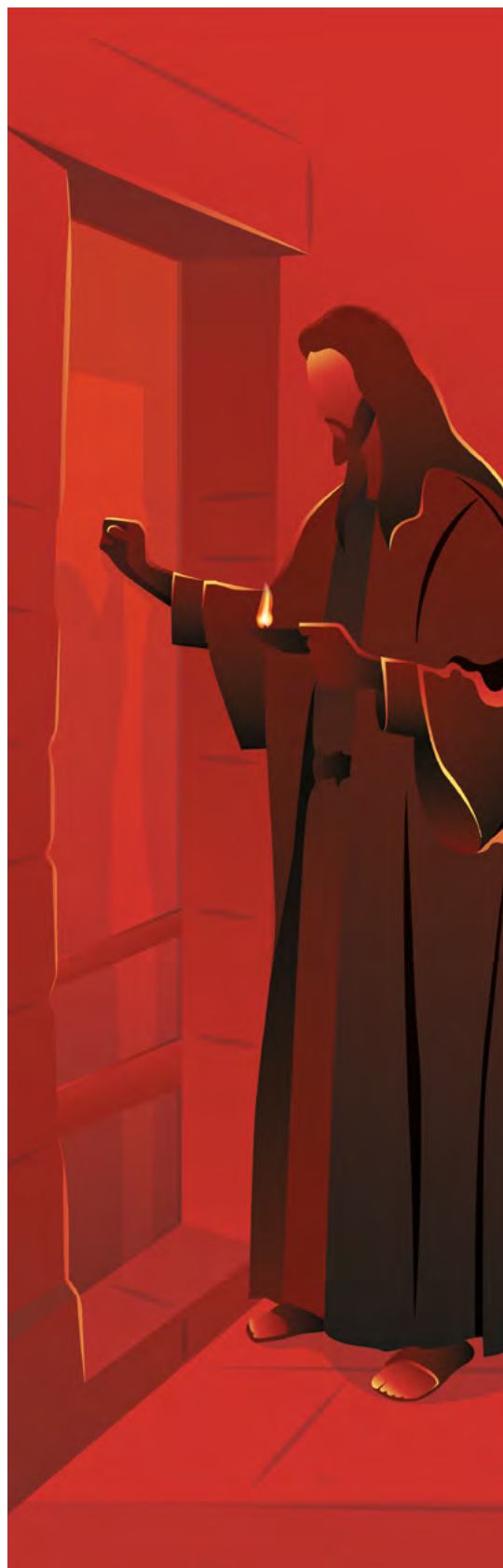
do nunca mais foi o mesmo depois que Jesus passou por aqui. Celebrar a Páscoa é imortalizar o que Jesus foi e fez, tornando-O inesquecível. É por isso que a época da Páscoa é, acima de tudo, um momento especial de reflexão e de comunhão com Deus. Um momento para recordar as Suas promessas impregnadas de amor.

Independentemente da crença, da religião ou da filosofia de vida que se tenha, a história de Jesus Cristo revela a mais bela história de amor já vivida. A Divindade apaixonou-Se pela Humanidade, ao ponto de Se humanizar para recuperar os seres humanos que estavam escravizados pelo pecado e perdidos para sempre. Deus correu o risco de ver rejeitado o Seu amor demonstrado no sacrifício de Jesus. Na realidade, muitos entre os homens desprezam ou desvalorizam a oferta da graça divina de libertação e salvação. **A morte de Jesus na cruz do Calvário veio**

Independentemente da crença, da religião ou da filosofia de vida que se tenha, a história de Jesus Cristo revela a mais bela história de amor já vivida.

mostrar o elevado valor da vida dos seres humanos. A nossa vida foi resgatada por um preço muito alto – o sangue inocente do Salvador Jesus. A Páscoa celebra este feito singular da nossa libertação através do sacrifício do Cordeiro pascal de Deus que tira o pecado do mundo, garantindo-nos a salvação eterna.

Lembremo-nos de que Jesus passou por aqui, por este Planeta. Durante a Sua vida terrena, Ele deixou-nos perplexos e, com a Sua morte, deixou-nos atônitos. Em liberdade, pronunciou palavras que não cabiam no imaginário humano. Crucificado, proferiu frases que não entram no dicionário dos mais nobres humanistas. No Seu plano transcendente de salvação, não há distinção de cor, etnia, religião ou cultura. Por isso, Ele gostava de Se intitular “*O Filho do Homem*”, dignificando, sem qualquer exceção, todos os seres humanos. Jesus afirmou: “*O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgatar a humanidade*” (Mateus 20:28). A morte de Jesus assegura-nos, assim, a libertação da escravidão do pecado. Se O aceitarmos, passaremos da morte para a vida. Tomemos, pois, a única decisão correta, e alegremo-nos na Páscoa de um tão maravilhoso Salvador!





Faltam 100 segundos para a meia-noite

Os cientistas que gerem o designado “Relógio do Juízo Final” (“*Doomsday Clock*”) decidiram mantê-lo a cem segundos da meia-noite para salientar a gravidade da situação internacional, em função de várias crises existenciais.

Este indicador é usado para ilustrar a vulnerabilidade do mundo a uma catástrofe proveniente das armas nucleares, das alterações climáticas e das tecnologias disruptivas em outros domínios.

SEGURANÇA INTERNACIONAL

Os autores do documento, publicado pelo *Boletim dos Cientistas Atômicos* – BCA,¹ salientaram que a alteração da liderança política nos EUA em 2021 não foi suficiente

“para reverter as tendências negativas na segurança internacional”, que se alongaram e prosseguiram através do horizonte de ameaças em 2021.

As relações tensas entre os EUA, a Rússia e a China tiveram desenvolvimentos, designadamente, no domínio das armas, que “podem marcar o início de uma nova corrida às armas nucleares”. Os autores realçam ainda que “o estabelecimento e desenvolvimento de programas de armas

¹ O BCA foi fundado, em 1945, por Albert Einstein e por cientistas da Universidade de Chicago, que ajudaram a desenvolver as primeiras armas atômicas no Projeto Manhattan. Criaram o “Doomsday Clock” dois anos depois, usando a imagem do apocalipse (meia-noite) e o idioma contemporâneo da explosão nuclear (contagem para zero), para ilustrar a gravidade das ameaças para a Humanidade e para o Planeta.

Este indicador é usado para ilustrar a vulnerabilidade do mundo a uma catástrofe proveniente das armas nucleares, das alterações climáticas e das tecnologias disruptivas em outros domínios.

biológicas marca o início de uma nova corrida às armas biológicas”.

Por outro lado, “apesar de o novo governo dos EUA ter restabelecido o papel da Ciência e das evidências na política pública, a corrupção do ecossistema de informação manteve-se em 2021”.

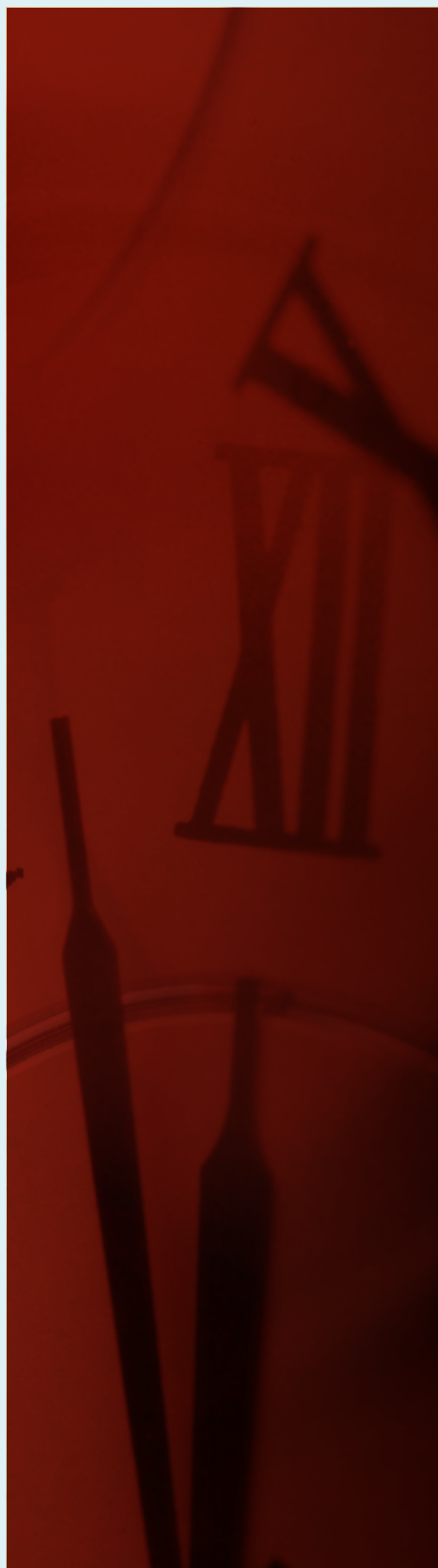
CLIMA E SAÚDE

Os cientistas apontam “a imensa distância entre os compromissos para a redução a longo prazo das emissões de gases com efeito de estufa e as ações que estão a ser tomadas no curto e médio prazo”. Também denunciam o facto de que a resposta mundial à pandemia do coronavírus permanece “inteiramente insuficiente”, e que “os planos para uma rápida distribuição global de vacinas colapsaram, o que deixou grande parte dos países pobres por vacinar e permitiu que novas variantes do coronavírus ganhassem terreno”.

Ainda alertam que, “além da pandemia, preocupantes lapsos na biossegurança tornaram claro que a comunidade internacional precisa de dar uma atenção séria à gestão da investigação biológica à escala global”.

CONCLUSÃO

Considerando o atual ambiente diversificado de ameaças preocupantes, e em constante



“No ano passado, apesar de esforços louváveis de alguns líderes e do público, as tendências negativas nas armas nucleares e biológicas, nas alterações climáticas e numa variedade de tecnologias disruptivas – exacerbadas por uma ecosfera de informação corrompida que mina processos racionais de tomada de decisão – mantiveram o mundo à beira do apocalipse.”



intensificação, o BCA considerou que o mundo não está mais seguro do que em 2020. Estes factos levaram os cientistas a manter o “*Doomsday Clock*” nos 100 segundos para a meia-noite. A situação na segurança internacional não estabilizou, “Pelo contrário”, afirmaram, de forma explícita: “O Relógio permanece mais próximo do que alguma vez esteve do apocalipse terminal da civilização, porque o mundo permanece num momento extremamente perigoso. Em 2019, designámos esta situação como ‘o novo anormal’, o que, infelizmente, persiste.”

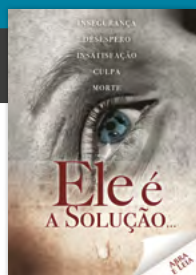
Em termos gerais, os cientistas descreveram a situação: “No ano passado, apesar de esforços louváveis de alguns líderes e do público, as tendências negativas nas armas nucleares e biológicas, nas alterações climáticas e numa variedade de tecnologias disruptivas – exacerbadas por uma ecosfera de informação corrompida que mina processos racionais de tomada de decisão – mantiveram o mundo à beira do apocalipse.”

Recuar deste abismo, na opinião deles, requer várias medidas: que os EUA e a Federação Russa limitem as armas nucleares, que os EUA e outros acelerem a descarbonização, que os EUA e outros trabalhem com a Organização Mundial de Saúde para reduzir os riscos biológicos de todos os tipos, que os EUA persuadam aliados e rivais a assumirem o princípio de não serem os primeiros a usar a arma nuclear, que a Federação Russa regresse ao Conselho NATO-Rússia, que os investidores troquem as aplicações em projetos de combustíveis fósseis por outros projetos amigos do ambiente, que os cidadãos de todo o mundo questionem os seus políticos, a todos os níveis, sobre o que vão fazer para resolver as alterações climáticas.

Nota final: Estas declarações do BCA foram publicadas em janeiro de 2022, antes do ataque da Rússia à Ucrânia. São alertas e ideais oportunos, de bom senso e altruistas. Infelizmente, difíceis de implementar devido à ambição, ao orgulho e à obstinação dos seres humanos.



Estude a Bíblia de forma temática com o auxílio de CURSOS.



ESPERANÇA em FOLHETOS!

Ligue e peça através do telefone **933 93 92 91.**

PREPARADOS PARA CONTINUAR A LUTAR?



Antônio Travassos
Médico Oftalmologista

Andámos dois anos a falar de “guerra”, sem saber que uma outra nos esperava. Traçámos o plano de defesa e esperámos que viessem as munições para o combate, mas não sabíamos que, enquanto se fabricavam vacinas, novas armas se poliam para outras frentes de batalha.

Comandados pela Ciência e pela Razão, infligimos a distância que nos era recomendada. Tudo por uma boa causa. E agora assistimos ao irracional. Escondemos os sorrisos, porque a ameaça pairava no ar e só agora começamos a perceber que o ambiente já estava contaminado.

Tudo em nome da segurança e de proteção... A COVID-19 pulverizou-nos durante dois anos, em 2020 e 2021, e fazíamos planos para que o tempo a pudesse curar.

O ano de 2022 parecia ser libertador. A ameaça à Humanidade parecia enfraquecer. Ironia. O vírus ainda mede forças e os homens também.



Ninguém aprendeu nada com as lições de março de 2020. Dois anos depois, assistimos a uma nova guerra e continuamos a pensar que ela não entra pela porta da nossa casa. As bombas explodem a mais de 4 mil quilômetros de distância. Mas, estão aqui mesmo, à entrada da Europa.

Em 2022, semearam-se novos combates e reapareceu um novo vírus. Chama-se “terror” e, mais uma vez, não existe vacina eficaz. A guerra está entranhada e o mundo continua a ser um lugar inseguro.

NOTA DA REDAÇÃO – Desejo e esperança – A Humanidade necessita de paz para viver em segurança. Tanto da perspectiva Cristã, como da experiência pragmática, qualquer paz duradoura envolve, pelo menos, quatro ingredientes: diálogo, justiça, perdão e reconciliação. Em todos os relacionamentos (individuais e entre nações), **precisamos de seguir a regra áurea** que requer que façamos aos outros o que desejaríamos que nos fosse feito (Mateus 7:12; 22:36-40). Significa: **amar Deus e amar os outros como Deus ama** (I João 3:14 e 15; 4:11, 20 e 21). **Este é o único antídoto para o ódio humano.**



O Deus eterno

Os atributos essenciais de Deus

ETERNO – “Porventura não o sabes? Será que não ouviste dizer? O SENHOR é um Deus eterno; criou a terra de um extremo ao outro” (Isaías 40:28).

“Mas o SENHOR é o verdadeiro Deus, Deus vivo e rei eterno” (Jeremias 10:10).

INDEPENDENTE – “Eis o que declara o SENHOR, [...] o SENHOR do Universo: ‘Eu sou o primeiro e o último; fora de mim não há outro Deus. Quem há semelhante a mim? Que se apresente e fale! [...] quem é que, desde sempre, anunciou o futuro, e pode revelar as coisas que estão para vir? [...] não fui eu que desde há muito o anunciei? Vós sois testemunhas. Haverá outro Deus além de mim?’” (Isaías 44:6-8.)

“É o Deus que fez o mundo e tudo o que nele se encontra, e é o Senhor do Céu e da Terra. Não habita em templos feitos pelos homens, nem precisa que os homens lhe façam coisa nenhuma, pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e tudo o mais” (Atos 17:24 e 25).

OMNIPRESENTE – “Acham que alguém se pode esconder de modo que eu não o possa encontrar? Palavra do SENHOR! Não sabem que estou em toda a parte, tanto no céu, como na terra?” (Jeremias 23:24; ver Salmo 139:7-12.)

“É ele quem sustenta o Universo pela sua palavra poderosa” (Hebreus 1:3); “Já existia antes de tudo e é ele que dá consistência a tudo o que existe” (Colossenses 1:17).

OMNIPOTENTE – Criou tudo pelo poder da Sua palavra (Gênesis 1; João 1:1-3; Hebreus 1:1-3). “Eu sou o Deus Todo-Poderoso” (Gênesis 17:1, ARC).

OMNISCIENTE – “Grande e poderoso é o SENHOR, nosso Deus, a sua sabedoria não tem limites” (Salmo 147:5).

“Como é imensa a riqueza de Deus e a sua sabedoria e ciência! [...] Quem é que conheceu os pensamentos do Senhor? Ou quem lhe serviu de conselheiro? Quem antes deu algo a Deus para que isso lhe seja retribuído? É que tudo veio de Deus e tudo existe por ele e para ele. A Deus seja dado louvor para todo o sempre. *Ámen*” (Romanos 11:33-36).

CONSTANTE – “Eu sou o SENHOR: não mudo de palavra” (Malaquias 3:6).

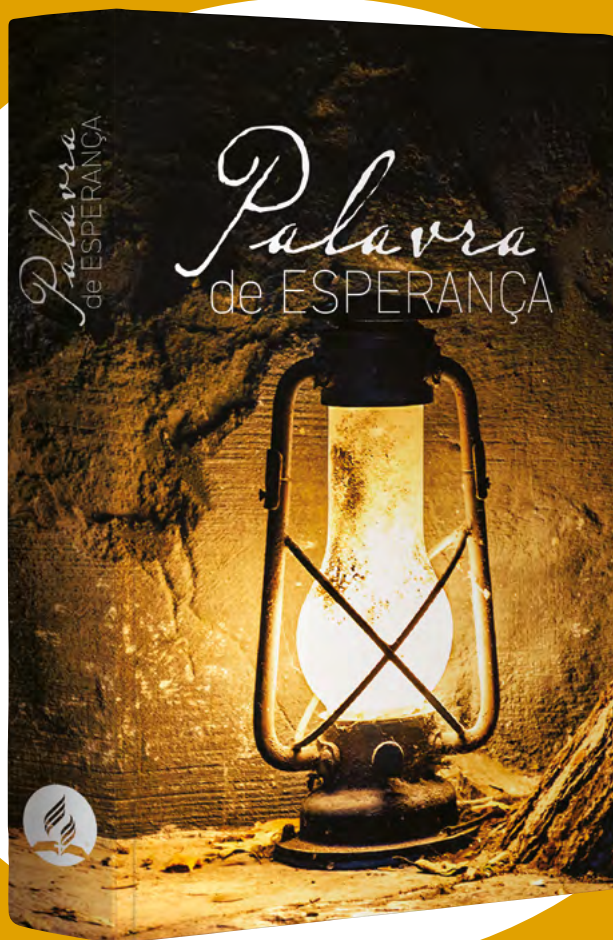
“Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre” (Hebreus 13:8).

E porque “Deus é amor” em essência (I João 4:8), existe uma identidade absoluta e indivisível entre o caráter de Deus e todos os Seus atributos.

“SENHOR, tu és o nosso refúgio para sempre. Antes de surgirem as montanhas, antes de existirem a terra e o mundo, desde sempre e para sempre tu és Deus!” (Salmo 90:1 e 2.)

Textos bíblicos retirados da versão Bíblia para Todos (BpT).

Conheça e leia
a carta de amor de
Deus à Humanidade!



Receba e reflita,
à sua volta, o Amor de Deus!
Peça gratuitamente: 933 93 92 91.

**UM VISLUMBRE
DE UM TEMPO
EM QUE NÃO
HAVERÁ MAIS
SOFRIMENTO.**

ORIGINAL "HISTÓRIA
DA REDENÇÃO",
DA AUTORA
NORTE-AMERICANA
ELLEN G. WHITE



Peça gratuitamente 933 93 92 91.